

AS ALTERIDADES DE DIMAS MACEDO

*José Telles*⁵

Seria por demais simplório ajuizar estes dois livros do poeta e crítico literário **Dimas Macedo**. Bastaria cortejar as ressonâncias de sua fortuna crítica, que aqui fazem eco na sensibilidade dos seletos escritores joeirados no sumário dessas obras. Ousamos, porém, acrescentar alguns apêndices, algumas epígrafes, que, certamente, não comprometerão o tônus da literariedade do autor.

Com estes “**Roteiro para Pesquisadores**” e “**Ressonâncias e Alteridades**”, Dimas está “tombado”. O primeiro livro é uma diagramação de sua literariedade, uma fotografia de sua alteridade; o segundo, a ladainha de seus silêncios, a dança erótica de suas metáforas. Faltava-nos esta contextualização de suas heterodoxias, esta condensação de seus silêncios – aliás, estrela guia, estrela de pescadores de letras. Dimas está, pois, pioneiro da sistematização do caos de sua literariedade. Em verdade, **Roteiro para Pesquisadores** e **Ressonâncias e Alteridades** são duas faces de uma mesma moeda, um livro corpo e um livro alma, o ego e o alter ego do autor.

Em **Dimas Macedo** a poesia é a linguagem da imaginação. E a imaginação é a faculdade de representar os objetos, não como são propriamente, mas tal como são modelados e modulados por outros pensamentos e sentimentos, numa infinita variedade de formas e combinações bioenergéticas. **Dimas** rastreia suas obras com um satélite curioso: a palavra. E com gosto apurado, teoria e erudição, sente a alquimia do texto, reconhece os recursos gráficos, citações e entropias. Não padece da “doença da admiração”, que segundo o historiador Thomas Macaulay, afeta críticos e historiadores. Sempre pensando dentro do ardil que sua inteligência lhe prepara, nos lembra Fernando Pessoa em seu heterônimo Ricardo Reis: “Para ser grande. Sê inteiro, nada / Teu exagera ou exclui. / Põe quanto és / No mínimo que fazes”.

A vida interior do crítico, quando ultrapassa a fronteira do seu psiquê, começa a dialogar com o texto. Cessa o monólogo, estabelece-se o diálogo. Ele não pode, movido pela fé ou pela espiritualidade, encontrar milagre inexistente em qualquer obra. Se complacente, por amor ou por afeto, sabe o tamanho de seu pecado. **Dimas**, porém, dono de uma credibilidade epistemológica, não aceita o texto esparrilhado, imposto à palavra. Separa e depura os simula-

⁵ José Telles é poeta e presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Autor de *Sermões de Pradaria*, *Poemas Estivais*, *O Lacre do Silêncio*, etc.

dores de literatura, da crítica autêntica. Sabe, muito bem, que quando a fama é paga com transigência, difama, tropeça no tempo e acidifica a memória. Em seu tear literário, perfuma a palavra com sândalos e escândalos, configurando o novo. Vê a obra de fora para dentro. Sua crítica incorpora-se ao inverossímil do texto, retirando de cada autor, a invisível silhueta de sua alma e a formosura silenciosa de suas metáforas. Assim, **Dimas** se insere na gassetiana moldura do crítico.

Às vezes, epicurista, desce em suas relações, de um quadro de Rafael ou Bertini, para uma aproximação generosa de um cruzar de pernas feminino. Em Safo, se abastece como elemento doador e receptivo aos ensinamentos da arte de amar. Às vezes, doutrinário, tem uma relação tempestuosa com seus desejos e prazeres. Vez outra, o erotismo progressivo se abastece numa sexualidade que segundo ele, tem origem divina. À Beaudelaire, outras vezes, faz libertinagem com o sinal da cruz. Em seus textos, há variações de sonoridade, codificadoras e atraentes: o tom deixa de ser sublime e apologético para ser austero e trágico. Pouco recorre à razão: incorpora à sua poesia, fantasias e alucinações, dentro de uma incoerência perfeitamente lírica e idiossincrásica. Apreendeu cedo que as folhas e as flores têm a mesma importância das raízes. E como Yeats, observou que: “A sabedoria é uma borboleta e não uma triste ave de rapina”. **Dimas** não vê as mudanças como declínio, mas como um processo de maturação. Por isso, preenche sabiamente as sombras e os lugares do vento, e sofre, para alegria dos deuses, um belíssimo processo de avatização, sobretudo quando escreve. Mesmo assim, **Dimas** é um transgressor com alma transgressora. Em seu silêncio, suas incógnitas surpreendem. É preciso um certo encanto matemático para resgatá-las. Há, nele, impressões digitais de várias matizes e “uma musicalidade subentendida”, como diria Bandeira. Penetra, ora na experiência religiosa da mente humana, como fez T.S. Eliot, ora como Pound, se insinua em nossa herança cultural e ética. Com apurada sensibilidade, mercê das iluminuras de seu silêncio, vê diferenciais: descobre e exulta a harmonia das ondas, a inquietude das marés, a beleza do crescimento de uma rosa e o encantamento, na possibilidade de chuva. Cria, assim, um microcosmo onde as gerências e ingerências desafiam sua própria alteridade.

Pouco talássico, ama o rio Salgado e suas ribeiras. É vasto e dono de um canto amorenado e lírico. Sua poesia tem o ritmo das marés, onde as palavras deslizam como espumas e se refazem em teimosias permanentes. E nela, como no inferno de Dante, o tempo não existe. Sua crítica tem a paisagem do pássaro em vôo. Nada mais, portanto, precisa este adivinho **Dimas Macedo**, a não ser, uma demão de tempo que, certamente, virá com aplauso e glória.